



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

ATA N.º 13/XIV-1.º/2025-2029

1 - Aos vinte e cinco dias do mês de abril de dois mil e vinte e seis, pelas 09H00, nas instalações do Átrio do Fórum Romeu Correia, em Almada, realizou-se a Sessão Solene da Assembleia Municipal Comemorativa do 52.º Aniversário do 25 de Abril de 1974.

2 – Instalou-se a Mesa constituída pelo Presidente João Luís Couvaneiro, pelo 1.º Secretário José Joaquim Leitão e pela 2.ª Secretária Ana Paula Silva.

3 - Fez-se a chamada dos/as Senhores/as Deputados Municipais, tendo-se verificado quórum.

3.1 – Responderam à chamada os seguintes Senhores/as Deputados/as Municipais:

João Luís Serrenho Frazão Couvaneiro (PS), Débora Figueiredo Carvalho Rodrigues (PS), Ivo Filipe Esteves de Almeida (PS), José Joaquim Machado Courinha Leitão (PS), Ana Paula Alves da Silva (PS), Sérgio Cantante Faria de Bastos (PS), Henrique Alexandre Margarido de Almeida (PS), Maria Tomaz Queluz Fernandes Palma (PS), Maria de Assis Beiramar Lopes de Almeida (PS), Sandra Cristina Pereira Mascarenhas Vieira Chaiça (PS), Pedro Miguel de Amorim Matias (PS), Daniel Alexandre Teixeira Salgueiro da Silva (PS); Maria Amélia de Jesus Parda (CDU), José Alberto Azevedo Lourenço (CDU), Nuno Miguel Carapinha Terenas (CDU), João Eduardo Alves de Moura Gerales (CDU), Ana Luísa Abílio Rodrigues de Carvalho (CDU), Vasco Ramiro Rodrigues Gonçalves (CDU); Mário Daniel da Silva Tavares Paracana (CHEGA), Inês Maurile de Oliveira Silva (CHEGA), Isabella Sales Baltazar (CHEGA), Luís Manuel Jales Cordeiro (CHEGA), Maria Teresa dos Santos Amarante de Almeida (CHEGA), Ana Catarina Ribas Lopes (PSD), Luís Pedro Amado Pinto Durão (PSD), Miguel Ângelo Moura Salvado (PSD), Lina Cristina de Matos Gonzalez (PSD), Miguel Maria Grossinho Caldeira Pais (PSD), Bruno Rafael Esteves Manso Ribeiro (PSD), Vanessa Inês Krause (PSD); Joana Sales de Campos Vieira (BE); Geizely Glicia Fernandes (LIVRE); Marta Cristina Belmonte Pereira (IL).

4 – Nos termos e para os efeitos do n.º 3, do artigo 40.º, do Regimento da Assembleia, registaram-se os seguintes procedimentos:

4.1 – O Senhor Presidente referiu as comunicações dos/as Senhores/as Deputados/as Municipais Patrícia Alexandra de Carvalho (CHEGA) informando da impossibilidade de estarem presentes.

4.1.2 – Feitas as substituições ao abrigo das disposições legais e regimentais, registaram-se as faltas injustificadas dos/as Senhores/as Deputados/as Municipais João Pedro Eixa (PS), Marta Ferreira Cortez dos Santos (PS), Ana Margarida Figueiredo Luna de Carvalho (CDU), Bruno Miguel Brito (CHEGA).

5 – Deu-se início ao período da Ordem do Dia para as intervenções alusivas ao evento, tendo usado da palavra por tempo igual para todos, tal como acordado na conferência de representantes, os/as seguintes Senhores/as Deputados/as Municipais: Geizely Glicia Fernandes (LIVRE), Marta Belmonte Pereira (IL), Joana Sales Vieira (BE), Miguel Caldeira Pais (PSD), Mário Daniel Paracana (CHEGA), Ana Luísa Rodrigues (CDU), Débora Figueiredo Rodrigues (PS). Usaram também da palavra o Senhor Presidente da Assembleia Municipal João Luís Couvaneiro (PS) e a Senhora Presidente da Câmara Municipal Inês de Medeiros (PS).

5.1 – A Senhora Deputada Municipal Geizely Glicia Fernandes (LIVRE):

“Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Almada, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Vereadores/as, Exmo. Senhor Bispo de Setúbal, Caras/os Convidados, Caras/os Múncipes;

Quando eu era adolescente, no interior de Minas Gerais, o meu pai e a minha mãe falaram-me pela primeira vez de Portugal. Eles disseram que lhes tinham lido contado sobre um país onde cresciam árvores de laranja nas ruas; um país onde as pessoas não lutavam com armas, lutavam com flores.

O meu pai e a minha mãe são pessoas simples, que conheceram a fome de perto. E talvez por isso, quando eles falaram de Portugal pela primeira vez, os olhos brilharam de um jeito diferente. Não era só admiração. Era esperança.



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

Essa história ficou comigo. E dezoito anos atrás, eu vim ver com os meus próprios olhos esse país que o meu pai tinha sonhado.

Portugal, no 25 de Abril, fez algo que o mundo inteiro precisava ver: onde podia ter havido uma guerra, houve flores. O vermelho que podia ter sido de sangue foi substituído pelo vermelho dos cravos nas ruas, nas mãos dos militares, nos canos das espingardas.

Essa data não pertence só a Portugal. Pertence a toda a humanidade. Portugal ensinou ao mundo que a liberdade não é um luxo, mas sim um bem fundamental. Tão fundamental quanto o pão na mesa.

E essa história chegou ao mundo pelas mãos de quem atravessou fronteiras. Foram os emigrantes portugueses e os imigrantes que vieram para Portugal, vindos de tantos lados, incluindo brasileiras e brasileiros embalados pelo «cheirinho de alecrim» de Chico Buarque, que carregaram consigo o 25 de Abril e o contaram ao mundo.

Mas hoje, os valores do 25 de Abril estão a ser testados.

Vemos portas a fecharem-se para quem chega de longe — como eu, como tantos outros que aqui pagam impostos, aqui criam filhos, constituem famílias, chamam Portugal de casa. Vemos famílias sem habitação enquanto se constroem hotéis em todo o lado e constatamos que

que quem vem com muito dinheiro é bem-vindo, mas quem vem com trabalho nas mãos tem sido tratado como fardo e utilizado como um brinquedo político, por políticos, para dividir a sociedade.

E nós reconhecemos os sinais. O discurso que desumaniza quem é diferente. A mentira contada até parecer verdade, e, permitam-me que vos diga: nós, que escolhemos fazer parte da democracia como atrizes e atores políticos, temos uma profunda responsabilidade nisto. Se a democracia falhar, também é responsabilidade nossa.

Termino com uma partilha pessoal: o meu pai e a minha mãe nunca vieram a Portugal. Mas a esperança que eles têm em Portugal, mesmo de longe, me dá força para estar aqui hoje, de pé, nesta tribuna, como mulher, imigrante, brasileira, e portuguesa de coração.

E é com todo o amor que nutro por Portugal que eu tenho fé nas pessoas deste país. As pessoas deste país são boas. E saberão dizer, novamente, em uma só voz: Fascismo nunca mais!

Obrigada pela oportunidade de estar aqui convosco.”

5.2 – A Senhora Deputada Municipal Marta Belmonte Pereira (IL):

“Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Almada, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Vereadores/as, Exmo. Senhor Bispo de Setúbal, Caras/os Convidados, Caras/os Munícipes;

Hoje celebramos o 25 de Abril.

Mas não estamos aqui apenas para celebrar.

Estamos aqui para dizer — com clareza — que Abril ainda não está completo.

Sim, conquistámos a liberdade política.

Mas, no dia-a-dia, muitos portugueses sentem que continuam presos.

Presos a um Estado pesado.

Presos à burocracia.

Presos a um sistema que dificulta mais do que ajuda.

E é preciso dizê-lo sem rodeios:

Portugal podia ser muito mais livre do que é hoje.

Porque liberdade não é só votar.



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

Liberdade é viver sem pedir autorização para tudo.

É abrir um negócio sem meses de papelada.

É trabalhar mais e ver esse esforço recompensado — não penalizado.

É poder escolher o seu caminho.

E aqui, em Almada, o que vemos?

Vemos talento — mas falta de oportunidades.

Vemos potencial — mas falta de crescimento.

Vemos jovens a sair — porque cá não conseguem ficar.

E isto não acontece por acaso.

Acontece porque durante anos nos disseram que mais Estado era a solução.

Mais controlo. Mais regras. Mais dependência.

E qual foi o resultado?

Menos dinamismo.

Menos investimento.

Menos futuro.

E nós dizemos: basta.

A Iniciativa Liberal está aqui para romper com este ciclo.

Porque o problema nunca foram as pessoas.

O problema é um sistema que não confia nelas.

Como dizia Margaret Thatcher:

“Não existe dinheiro público — existe o dinheiro dos contribuintes.”

E é esse dinheiro que tem sido mal utilizado, desperdiçado, e muitas vezes usado para manter um modelo que não funciona.

Nós acreditamos em algo diferente.

Acreditamos que quem trabalha deve prosperar.

Acreditamos que quem investe deve ser bem-vindo.

Acreditamos que o Estado deve servir — não controlar.

Almada precisa de um choque de liberdade.

Precisa de decisões rápidas.

Precisa de atrair empresas.

Precisa de criar emprego qualificado.

Porque não há salários melhores sem empresas fortes.

Não há habitação acessível sem mais construção.

Não há futuro para os jovens sem oportunidades reais.

E nenhuma dessas soluções passa por mais controlo.

Passa sim por mais liberdade.

Mas durante demasiado tempo disseram-nos que não havia alternativa.

Que era assim.

Que tinha de ser assim.

que nos conformemos.

Não é verdade.



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

Há alternativa — e começa com coragem.

Coragem para mudar.

Coragem para simplificar.

Coragem para confiar nas pessoas.

Senhoras e Senhores,

A verdadeira herança do 25 de Abril não é o conformismo.

É a coragem de fazer diferente.

E hoje, a batalha já não é contra uma ditadura.

É contra a estagnação.

Contra o facilitismo.

Contra a ideia de que o Estado resolve tudo.

Não resolve.

Quem resolve são as pessoas — quando têm liberdade para agir.

E é isso que defendemos.

Uma Almada onde seja mais fácil viver, trabalhar e investir.

Uma Almada que não expulsa os seus jovens.

Uma Almada que cresce.

Nós não queremos gerir o que existe.

Queremos transformar.

Não queremos manter o sistema.

Queremos melhorá-lo.

E não vamos pedir desculpa por ambição.

Porque querer mais liberdade não é radical — é essencial.

Caros Almadenses,

O futuro não se constrói com medo.

Constrói-se com confiança.

Confiança nas pessoas.

Confiança no mérito.

Confiança na liberdade.

Foi isso que Abril nos deu.

Agora cabe-nos a nós usá-lo — a sério.

Viva a Liberdade.

Viva Almada.

Viva Portugal.

Viva o 25 de Abril.”

5.3 – A Senhora Deputada Municipal Joana Sales Vieira (BE):

“Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Almada, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Vereadores/as, Exmo. Senhor Bispo de Setúbal, Caras/os Convidados, Caras/os Múncipes;

Abril é o mês primordial de celebração da democracia e da liberdade. E, em 2026, esta celebração tem uma importância ainda maior. Se já cruzámos a fronteira dos 50 anos da Revolução dos Cravos estamos, neste preciso



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

mês, a celebrar o cinquentenário da nossa Constituição da República — o documento histórico que deu corpo jurídico à luta, sonhos e esperança emergidos com a Revolução de 25 de Abril de 1974 — firmando o primado de Estado de Direito Democrático, garantindo direitos e liberdades fundamentais a todas as pessoas sem discriminação. A retirada das categorias de cidadania e garantia da igualdade de género na lei, retirando as mulheres da subalternidade legal, foram exemplos de que finalmente se poderia começar de novo, lado a lado em igualdade, procurando colmatar opressões sociais estruturais.

É, por isso, tempo de convocar a memória, pois a Revolução na sua vitória contra o fascismo, ao consagrar ao povo português a democracia e esta Constituição, lançou um trilho para uma sociedade mais justa, equitativa e solidária. Sendo a Revolução um marco intransponível da nossa história e sociedade, adicionalmente, é também tempo de convocar a atualidade. O 25 de Abril não é para ficar remetido a um canto, como uma esquecida peça de museu ou uma perdida pasta de arquivo. É muito mais do que isso. É um património vivo e coletivo fundacional da sociedade democrática nacional que tem de ser cuidado com a dignidade que merece e que exige, simultaneamente, um processo contínuo de transformação social.

Estes momentos de saudação devem ter também um pendor de luta por aquilo que ainda falta conquistar. Defender Abril em 2026 é, obrigatoriamente, lutar contra as muitas desigualdades que subsistem, contra novas formas de discriminação e violências, contra os discursos de ódio que tentam reocupar espaços que julgávamos conquistados. Só a nossa ação diária, individual e coletiva, nos fará avançar e impedir retrocessos.

Senhoras e Senhores Deputados,

Uma parte essencial desta transformação foi a criação do Poder Local. É na proximidade das freguesias e da Câmara Municipal que a democracia se torna tangível. Mas essa proximidade exige responsabilidade e um escrutínio rigoroso. Não basta estar perto dos munícipes. É preciso ser consequente com as suas necessidades habitacionais, sociais e de mobilidade.

Defender Abril é também defender o 1º de Maio. Lembramos que a democracia nas ruas permitiu o Estado Social, a Saúde Pública e o salário digno. Contudo, em 2026, os desafios laborais mudaram de rosto, mas não de urgência. O poder de compra continua pressionado e as transformações tecnológicas no mundo do trabalho exigem de nós uma proteção redobrada dos direitos de quem trabalha.

Aqui, na Assembleia Municipal de Almada, esse esforço tem rosto e tem nome: os trabalhadores e trabalhadoras deste município. São as mãos invisíveis que garantem o compasso e o batimento cardíaco da nossa cidade, desde a rua até aos serviços administrativos, permitindo que nós, deputados, possamos estar aqui hoje. A sua luta por condições e carreiras justas não é apenas legítima. É o espelho da cidade que queremos ser.

Para concluir, Senhor Presidente,

Ao fecharmos este ciclo dos 50 anos da Revolução e da Constituição, precisamos de olhar para as franjas da população cujos direitos ainda não estão plenamente salvaguardados. Precisamos de respostas robustas à crise da habitação que afeta esta cidade e de garantir a igualdade plena, independentemente da origem ou identidade.

Recordar Abril serve para não deixar cair no esquecimento que a liberdade não é um estado permanente — é um exercício quotidiano. Cabe-nos a nós, aqui e agora, garantir que a democracia não recua.

Que o concelho de Almada de 2026 continue a ser um epicentro da liberdade, democracia e comunidade.

Viva o 25 de Abril! Viva a liberdade!"

5.4 – O Senhor Deputado Municipal Miguel Caldeira Pais (PSD):

"Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Vereadores/as, Exmo. Senhor Bispo de Setúbal, Caras/os Convidados/as, Caras/os Munícipes;

Nas primeiras horas de 25 de Abril de 1974, Portugal mudava para sempre. Mas hoje, passados 52 anos, cabe-nos a honestidade intelectual de olhar para a história sem as lentes do mito ou do facilitismo.



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

Muitas vezes esquece-se que o movimento teve início com o Decreto-Lei 353/73. O que nasceu de uma contestação de oficiais encontrou o eco de um povo e de um país que precisava de respirar. Nesse dia, Portugal acordou para o primeiro dia do resto da sua vida.

Mas a liberdade é mais do que um destino final.

É um caminho. E nem sempre foi um caminho simples.

Não podemos celebrar Abril ignorando os anos de instabilidade que se seguiram. Não podemos apagar a desordem que marcou esse período: expropriações, fuga de quem criava riqueza, ataques a sedes partidárias.

E mais grave: houve terrorismo, atentados bombistas e mortes. Realidades que também tocaram a nossa cidade.

Enquanto isso, além-mar, vivia-se outro drama. Meio milhão de portugueses, os chamados retornados, foram forçados a abandonar tudo o que tinham construído. A descolonização foi apressada, desorganizada e, em muitos casos, violenta, deixando territórios entregues a guerras civis.

Por tudo isto o 25 de Abril não tem donos.

A liberdade não pertence a partidos nem a ideologias.

Pertence ao povo. Pertence-nos.

E é precisamente por isso que temos de estar atentos, vigilantes e cuidadores. Porque não só com grandes ruturas a democracia desaparece.

Ela:

Enfraquece quando se limita o debate.

Enfraquece quando se fecham portas à participação; Enfraquece quando o poder deixa de aceitar o escrutínio, quando se tentam silenciar vozes, quando se dificulta o acesso à informação e também quando a oposição é tratada como um incómodo e não como pilar do Estado de Direito.

E é por acreditarmos na democracia plural que aqui estou.

Não apenas como deputado, mas também como jovem e como Almadense.

George Orwell escreveu que “quem controla o passado, controla o futuro”.

A nossa geração recusa isso.

Recusamos que o passado seja usado como arma ou como prisão ideológica.

Respeitamo-lo. Aprendemos com ele. Mas não ficamos reféns dele.

O nosso olhar está no futuro. E esse futuro exige ação.

Celebramos Abril pela liberdade. Celebramos Novembro pela democracia.

Mas, acima de tudo, celebramos Portugal, todos os dias.

Porque para além do que nos divide, há uma Nação que nos une.

Uma Nação imperfeita, com cicatrizes, mas que é nossa.

E é essa pertença que nos une e nos responsabiliza.

Mas se é verdade que, como dizia Fernando Pessoa: “Senhor, falta cumprir-se Portugal”, também é verdade que falta cumprir-se Almada.

Falta cumprir uma Almada onde os jovens consigam viver e não sejam empurrados para fora pela falta de habitação.

Falta cumprir uma Almada que atraia investimento, emprego e oportunidades.

Falta cumprir uma Almada onde a segurança seja uma certeza, não uma preocupação.



Falta cumprir uma Almada de e para todos!

Falta cumprir ALMADA!

E é aqui que entra o nosso compromisso.

Um compromisso claro com o presente. Um compromisso exigente com o futuro.

Pela nossa Nação. Pelo nosso Concelho, Por ALMADA

Viva a Liberdade!

Viva a Democracia!

Viva Almada!

Viva Portugal!"

5.5 – O Senhor Deputado Municipal Mário Daniel Paracana (CHEGA):

"Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Vereadores/as, Exmo. Senhor Bispo de Setúbal, Caras/os Convidados/as, Caras/os Munícipes;

Olhamos para a data da Revolução não como uma data sagrada, mas como um ponto de partida para um processo histórico complexo.

Importa recordar que os acontecimentos desencadeados após o 25 de Abril não se limitaram à queda de um regime. Entre Abril de 74 e Novembro de 75, Portugal viveu um período de violência política, perseguições, ocupações ilegais, expropriações arbitrárias, destruição económica e profundas divisões nacionais.

Houve mortos, feridos, famílias desalojadas e milhares de portugueses empurrados para a incerteza. Por isso, uma leitura séria da História não nos permite glorificar cegamente as consequências da revolução, ignorando o sofrimento causado a tantos portugueses.

A verdadeira liberdade surge quando Portugal regressou à ordem democrática e ao Estado de Direito com o 25 de Novembro.

A Revolução desencadeou também um fenómeno demográfico de enormes proporções. A independência das colónias africanas e de Timor-Leste originou o regresso de mais de um milhão de portugueses, conhecidos como retornados.

O Estado falhou ao assumir que esses retornados teriam casa e apoio à chegada, tal com aconteceu com os cerca de 1200 que ficaram na INATEL na Costa da Caparica e que ainda hoje lá estão os seus descendentes. Esse regresso agravou a falta de habitação e impulsionou construções improvisadas que até hoje marcam o concelho.

Os antigos combatentes da Guerra do Ultramar merecem uma referência especial. Foram homens mobilizados entre 1961 e 1974 para Angola, Guiné, Moçambique e outros teatros de operações. Chamados a combater em nome de Portugal, mais de dez mil nunca regressaram a casa e muitos dos que regressaram ficaram marcados para sempre no corpo e na alma. Estes rapazes, irmãos de armas e filhos da Pátria mãe, lutaram por ela e rezaram a Deus por mais um dia de vida. Após a revolução, essa mesma Pátria, outrora sua amada, abandonou muitos deles, tratando-os com indiferença e até como culpados, quando na verdade foram homens de coragem, sacrifício e honra. Quando na verdade foram verdadeiros heróis portugueses.

Por isso, esta tarde, o CHEGA vai homenagear os almadenses que foram chamados a lutar e pela Pátria se sacrificaram.

Passados cinquenta anos, o concelho de Almada enfrenta problemas profundos.

O caso dos bairros Penajoia e Raposo é paradigmático. Existem mais de mil construções ilegais nestas zonas e cerca de 3 000 pessoas a viver em condições precárias. Isto é socialismo. Isto é também o espírito de abril.



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

A insegurança também é um problema. Almada continua a ser o concelho com mais ocorrências registadas no distrito de Setúbal e onde os crimes mais reportados são a violência doméstica, a ofensa à integridade física e a condução sem habilitação. Não se pode falar de democracia nem liberdade quando os cidadãos vivem com medo ou quando certos territórios se tornam terra de ninguém.

Por isso, hoje aqui afirmo que não somos filhos do 25 de Abril, mas de uma nação com quase nove séculos de história. A memória portuguesa não começa em 1974. São quase 900 anos de soberania, de cultura e de fé que moldaram a nossa identidade coletiva. O futuro deve ser construído a partir dessa herança e não ao serviço de narrativas revolucionárias pós-modernistas que pretendem reinventar a nação. Nós não somos filhos de uma revolução falhada e por isso não somos filhos do 25 de abril.

Recentemente, no discurso de Jorge Palma nos Prémios Play, muitos ouviram palavras emotivas; eu ouvi uma confissão política. Jorge Palma disse estar “à espera que se faça de facto uma reforma eficaz”, alertou para que o 25 de Abril não se torne “uma memória distante” e concluiu que é preciso “reinventar o espírito de Abril” e “meter mãos à obra” para fazer deste país algo melhor.

Ao fim de cinquenta anos, isto diz mais que muitos discursos políticos: reconhecem que nunca cumpriram Abril e que agora já precisam de o reinventar.

Mas, minhas senhoras e meus senhores, permitam-me dizer-vos o seguinte: aquilo que verdadeiramente resulta não precisa de ser reinventado.

De facto, esta é a prova de que não é com Abril que se lá vai. Para um jovem Abril não é o Abril que foi o do capitão. Aliás nenhum capitão de abril consegue provar hoje a um jovem que este precisa de abril. O mundo mudou, entretanto, e eles não se reconhecem.

Por fim, reafirmo o compromisso do CHEGA com os almadenses. Honraremos também a memória dos antigos, dos combatentes, dos retornados e de todos os que serviram Portugal. Lutaremos pela segurança e pela justiça, e não permitiremos que ideologias desfasadas da realidade continuem a destruir o nosso concelho.

Que esta data seja também momento de reflexão, e que a luz de Novembro nos guie na construção de um Portugal livre, soberano e fiel às suas raízes.

Viva a Democracia,

Viva a Liberdade,

Viva Portugal.”

5.6 – A Senhora Deputada Municipal Ana Luísa Rodrigues (CDU).

“Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Vereadores/as, Exmo. Senhor Bispo de Setúbal, Caras/os Convidados/as, Caras/os Munícipes;

Hoje lembramos o dia em que a liberdade venceu o medo. O dia em que um povo inteiro saiu à rua para pôr fim a décadas de ditadura, às prisões arbitrárias, à censura e à tortura. A Revolução dos Cravos derrubou o fascismo e o obscurantismo do Estado Novo. O dia em que os cravos floresceram como símbolo de coragem e da mudança. Foi a vitória da luta e da resistência. Resistência de muitos comunistas, democratas, trabalhadores, militares, estudantes - que enfrentaram a violência do regime, recusaram o silêncio imposto e nunca desistiram da liberdade. A sua coragem abriu caminho a um país novo. A sua luta tornou possível a aprovação da Constituição da República, que celebra 50 anos, uma das mais progressistas e avançadas do mundo, que consagra direitos fundamentais, salvaguarda a defesa dos trabalhadores e do povo e afirma a dignidade de todos.

Ao comemorar Portugal de Abril, reafirmamos a sua atualidade, a exigência do seu cumprimento e a vital importância da sua defesa face às ameaças de revisão que forças políticas conservadoras, reacionárias pretendem concretizar.



Foi também com Abril que se alcançaram pilares essenciais da democracia, como o Serviço Nacional de Saúde, atualmente com sinais visíveis de degradação e caminhos que apontam para a sua progressiva privatização. Falta de investimento, carência de profissionais, serviços sobrecarregados e tempos de espera prolongados alimentam a ideia de que o “público” não funciona – abrindo espaço à transferência de recursos e confiança para o sector privado. A privatização tem sido opção política dos sucessivos governos e, em particular deste governo AD, que tem consequências profundas. Quando cuidados de saúde passam a ser orientados pelo lucro, o risco é claro: desigualdade no acesso, exclusão dos mais vulneráveis e fragmentação de um sistema que deverá ser universal e solidário. O enfraquecimento do Serviço Nacional de Saúde não é inevitável – é o resultado de escolhas.

Celebrar o 25 de Abril é mais do que lembrar o passado – é reforçar o nosso compromisso com o presente e com o futuro.

Recusar a injustiça de um pacote laboral que fragiliza os direitos laborais com impacto nos salários, na estabilidade do emprego e no equilíbrio entre a vida profissional e pessoal, a redução de garantias laborais pode traduzir-se em maior precariedade e menor poder negocial dos trabalhadores.

Num contexto de desafios económicos e sociais, o essencial é que qualquer reforma laboral seja avaliada não apenas pelos seus efeitos na economia, mas também pelo seu impacto na dignidade do trabalhador, na redução das desigualdades e na coesão social. Os trabalhadores mostraram a sua forte oposição ao pacote laboral nas recentes manifestações que encheram as ruas de Lisboa e na adesão à greve geral de 11 de Dezembro.

A crise da habitação não é isolada nem recente, resulta de anos de sujeição à pressão do mercado e de políticas públicas insuficientes para garantir o acesso à habitação digna. Um dos principais fatores é a especulação imobiliária, o aumento do investimento em imóveis como alvo financeiro, aliado ao turismo e ao alojamento local, contribuiu para a subida acelerada dos preços. Isso afastou muito as famílias do mercado, em particular os jovens e mesmo aquelas com rendimentos estáveis.

A habitação social continua a representar uma pequena fração do parque habitacional, o que limita a capacidade de resposta do Estado às necessidades das populações mais vulneráveis. Sem uma regulação mais forte, o mercado tende a continuar orientado para os segmentos mais lucrativos, favorecendo o crescimento de bairros ilegais sem condições dignas de habitabilidade. Mais uma vez, é a opção política deste governo, apoiado pelos partidos da direita e extrema-direita.

Abril comporta a luta pela paz, o governo PSD/CDS num alinhamento excessivo com os Estados Unidos da América e Israel levanta questões sobre o grau de autonomia da política externa portuguesa e o risco de envolvimento indireto em conflitos que não servem os interesses do povo português.

Enquanto se reforçam alinhamentos externos, os portugueses enfrentam salários insuficientes, habitação inacessível e serviços públicos sob pressão. Defender a paz e a diplomacia não é apenas uma posição ética, é também uma escolha com impacto económico e social. Exige-se por isso uma política externa que coloque a paz, o direito internacional e os interesses da população no centro das decisões, porque os custos da guerra, mesmo que à distância, acabam sempre por chegar à nossa casa.

O 25 de Abril não é apenas memória - é compromisso e cada direito conquistado resulta da luta coletiva. Defender Abril hoje é continuar essa luta: por trabalho com direitos, por um Serviço Nacional de Saúde forte, por uma Constituição respeitada; é recusar ao regresso a lógicas autoritárias e afirmar que a liberdade só existe plenamente com justiça social.

Hoje honramos a memória dos que lutaram pela liberdade e reafirmamos o nosso compromisso de não esquecer a perseguição, não apagar a história, não permitir o regresso do obscurantismo.

Porque Abril vive em cada gesto de resistência, em cada voz que se levanta na luta pela dignidade.

Nunca nos faltará a coragem de Abril!

Viva a liberdade!



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

Viva o 25 de Abril!”

5.7 – A Senhora Deputada Municipal Débora Figueiredo Rodrigues (PS):

“Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal, Senhores/as Vereadores/as, Exmo. Senhor Bispo de Setúbal, Caras/os Convidados/as, Caras/os Múnicipes;

Celebramos hoje mais um aniversário do 25 de Abril, data que representa um marco histórico e simboliza uma viragem decisiva para Portugal.

Esta é uma data que jamais deve ser esquecida na nossa memória coletiva e quanto à qual o Partido Socialista assegura, onde é governo, e assegurará que sejam realizadas comemorações dignas em consonância com a importância do 25 de Abril, mesmo em contextos políticos menos favoráveis ou liderados por protagonistas de direita.

O 25 de Abril trouxe-nos a liberdade e a democracia. É importante, hoje mais do que nunca, afirmarmos com clareza: sem a democracia, nenhum de nós estaria aqui hoje, seja qual for o partido. Não estaríamos a debater ideias livremente, não estaríamos a representar e a defender os interesses dos nossos concidadãos, não estaríamos a discutir e aprovar, em conjunto, em órgãos autárquicos como esta Assembleia Municipal, políticas públicas para melhorarem o nosso Concelho.

Os valores de Abril (a Liberdade, a Democracia, a Igualdade, a Justiça Social, a Paz e a Solidariedade) não estão totalmente salvaguardados.

E, por isso, compete-nos a todos, àqueles que defendem estes valores, reconhecer e combater ativamente os perigos do presente. Não podemos ignorar aquilo que se tem vindo a intensificar em Portugal e um pouco pela Europa e pelo mundo: o crescimento da extrema-direita, a normalização do discurso de ódio e de incitamento à violência, a disseminação de mentiras como estratégia política populista e o ressurgimento de formas de machismo.

É particularmente preocupante a forma como estas ideias têm ecoado junto dos mais jovens, principalmente dos rapazes, quanto aos quais se tem registado uma maior adesão a discursos simplistas, antidemocráticos e profundamente machistas, muitas vezes propagados por partidos de extrema-direita.

Isto deve interpelar-nos a todos, enquanto eleitos, enquanto cidadãos, enquanto sociedade a tomar medidas efetivas.

É imprescindível combater a desinformação e educar os jovens para a cidadania, para a igualdade e para a empatia. É imprescindível contrariar a tendência de instrumentalização, de exploração do medo e da frustração para dividir e enfraquecer a nossa democracia.

E é também necessário que as instituições públicas e os seus eleitos sejam exemplo. Por outro lado, a tolerância dentro das instituições ao discurso de ódio é, em si, um ataque à liberdade. Porque deixa de ser livre aquele que é alvo de discriminação. E compete-nos a todos, enquanto eleitos, garantir uma sociedade livre e justa.

Infelizmente, os partidos à direita do Partido Socialista têm se focado em fazer o oposto, em dar palco ao discurso de ódio, corporizado inclusive em legislação que só serve para criar barreiras aos cidadãos e promover a intolerância.

Enquanto nos tentam iludir, estão por resolver os problemas reais que afetam o país como o aumento generalizado dos preços ou a gravíssima crise da habitação.

Nem tudo, porém, nos deve afligir enquanto democratas. Temos também razões para ter esperança na robustez dos valores de Abril, na vitalidade da democracia e na confiança dos portugueses nas instituições públicas. A recente eleição do Presidente da República foi a reafirmação de um compromisso coletivo com uma democracia plural e com os valores da Constituição, e um compromisso também com o projeto europeu.



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

Esta eleição mostra que é possível mobilizar os cidadãos em torno de projetos responsáveis e sérios, de propostas construtivas e de uma visão de sociedade que busca a coesão social, assente no diálogo e na moderação. Mostra que a democracia portuguesa é robusta e capaz de se renovar face às adversidades.

E é precisamente essa robustez que se verifica a nível local. As autarquias são as instituições mais próximas dos cidadãos e o rosto mais direto e imediato da democracia. É junto dos órgãos autárquicos que os cidadãos primeiramente expõem os problemas concretos e é aqui que podem encontrar respostas concretas e onde a política se faz com maior conhecimento de causa.

E, pese embora os autarcas sejam o rosto mais visível da política de proximidade, a capacidade de resposta das autarquias resulta, em muito, do trabalho contínuo dos serviços municipais e de todos os trabalhadores que os compõem. São eles que, diariamente, asseguram a concretização das políticas públicas.

Na verdade, mais do que os eleitos, cujas funções são efémeras, são os mecanismos institucionais e o esforço coletivo que sustenta a ação pública. As instituições ganham sentido e legitimidade pela forma como respondem às necessidades das populações ao longo do tempo. E é nisso que os agentes públicos se devem focar, fazer o melhor e deixar o melhor legado; honrar as instituições e honrar a democracia.

Porque é na ação concreta, no serviço público próximo e na melhoria populações que a democracia se afirma verdadeiramente.

Que o 25 de Abril nos inspire a continuar hoje o caminho iniciado em 74: enfrentar os desafios sem medo e com determinação, reconhecer os perigos e fazer o possível para construir uma sociedade mais justa, mais livre, mais solidária e mais empática.

Viva o 25 de Abril!

Viva Almada!

Viva Portugal”!

5.8 – O Senhor Presidente da Assembleia Municipal João Luís Couvaneiro (PS):

“Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal de Almada, Senhores/as Vereadores/as, Exmo. Senhor Bispo de Setúbal, Senhores/as Convidados/as, Caras/os Múncipes; Caras Crianças e Jovens do nosso Concelho,

Há datas que pertence ao passado e há datas que pertencem ao nosso presente e são o nosso destino.

O 25 de Abril, não é apenas uma página da nossa História, é a própria tinta com que continuamos a escrevê-la.

E hoje quisemos fazer algo que ao mesmo tempo é simples e exigente.

Quisemos dar voz aqueles que herdaram Abril.

Para tal, pedimos a ajuda das escolas do nosso Concelho.

Pedimos às crianças que nos dissessem, com a clareza dos seus olhos e com a honestidade das suas palavras, o que é para elas o 25 de Abril.

Recebemos contributos de mais de duzentas crianças, num gesto educativo de defesa da liberdade.

E elas falaram.

Falaram com a limpidez da verdade, falaram com a autoridade de quem sabe, sem hesitar, o que é essencial.

Disseram-nos, os meninos e as meninas de Almada:

“Sem liberdade, não felicidade”.

E com esta frase curta, firma, incontornável, disseram tudo.

Disseram ainda que:



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

“A liberdade é como um cravo vermelho a crescer no coração”.

A liberdade não é apenas uma memória, um ritual ou um ornamento de lapela, a liberdade é raiz, pulsar constante de vida interior e crescimento contínuo”.

As crianças disseram:

“Hoje podemos escolher e aprender e sonhar”.

Disseram também:

“O 25 de Abril ensinou-nos a viver sem medo, sem medo de falar, sem medo de pensar, sem medo de existir”.

A Camila que anda no 3.º ano escreveu:

“Para mim o 25 de Abril, é podermos dizer as coisas que achamos que estão mal ou bem”.

Nesta afirmação, encontramos um dos pilares mais exigentes da democracia: o direito e o dever de exercer a palavra livre como instrumento de vigilância cívica.

O Samuel, de 10 anos, diz que:

“O 25 de Abril é poder falar sem sussurrar e usar a roupa que se quiser”.

O (...) também de 10 anos afirma que:

“Os portugueses ganharam o direito a poder falar o que quisessem em voz alta”:

A Stella de 9 anos, acrescenta uma dimensão decisiva:

“Podemos dar a nossa opinião é muito importante para a humanidade, pois podemos mudar o mundo através dela”.

Aqui está Abril,

Na escola, na igualdade, na dignidade, na transformação do mundo pela palavra “Livre”.

A Matilde de 10 anos recorda-nos que:

“Antes do 25 de Abril, não se podia dizer o que se pensava, e as meninas e os meninos andavam em escolas separadas”.

Nesta memória transmitida, revela-se outro eixo essencial:

O direito de aprender juntos;

De crescer sem separações impostas;

De viver sem a hierarquia de dignidade.

E quando a Diana de 10 anos afirma:

“A paz e a liberdade são mais fortes do que as armas e a ditadura”.

O Fabrizio da mesma idade, nos alerta que:

“A guerra não soluciona nada, só causa mortes e destruição”.

Percebemos que Abril também é isto, a recusa da violência.

A Alda também com 10 anos, escreve que:

“Foi o dia em que os soldados cansados da guerra, pegaram nas armas com cravos e gritaram “Liberdade”.

A Constança, também de 10 anos, afirma que:

“Toda a gente aprecia a sagrada liberdade que nos foi dada”.



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

A liberdade surge como herança que exige cuidado, consciência e continuidade.

Com apenas 9 anos, a Luísa leva-nos mais longe:

“Abril é não haver machismo, ter direito a usar as roupas que se quiser, ter igualdade entre os géneros e todas as pessoas serem respeitadas”.

Nesta frase clara, firme, ecoa a dimensão social emancipatória de Abril e como disse a Cleidine de 9 anos:

“A liberdade são os cidadãos”.

Cidadãos concretos, situações concretas, escolhas concretas, responsabilidades concretas e com leveza que também é liberdade.

Nos seus 9 anos, o Rodrigo recorda-nos:

“Depois do 25 de Abril já pudemos beber coca cola”.

Na aparente trivialidade deste gesto há um sinal profundo, a liberdade habita também no quotidiano, nas pequenas coisas que antes eram proibidas e que hoje são naturais.

A Yasmine com 10 anos diz:

“Para mim o 25 de Abril significa o direito a receber educação, a ser criança, a não ser discriminada por ser mulher ou de outra raça”.

Abril, como diz a Raquel:

“Significa que as pessoas conquistam a liberdade que estava presa no seu coração”.

Enquanto que o Benjamim também com 9 anos diz:

“Para mim é festa, amor e poder andar na rua”.

O Dinis com 10 anos, oferece-nos uma imagem que se eleva:

“É um sentimento que ganhou asas para voar sobre a escuridão”.

Por fim, a Lukeny de 9 anos, diz com a clareza das grandes evidências:

“O 25 de Abril é a melhor coisa que aconteceu a Portugal”.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Se escutarmos estas vozes encontraremos nelas uma ética política de rara clareza.

A liberdade como igualdade, como paz, como dignidade vivida.

Como nos ensinaram as crianças, com a limpidez que só elas possuem, ser livre não é apenas um direito, é uma forma de viver, é uma forma de estar, é uma forma de construir o mundo.

Viva o 25 de Abril.”

5.9 – A Senhora Presidente da Câmara Municipal Inês de Medeiros (PS):

“Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores/as Deputados/as Municipais, Senhora Presidente da Câmara Municipal de Almada, Senhores/as Vereadores/as, Exmo. Senhor Bispo de Setúbal, Senhores/as Convidados/as, Caras/os Múncipes;

Assinalamos hoje, com orgulho e responsabilidade, os 52 anos do 25 de Abril.

Celebramos aquilo que conquistámos e que não esquecemos. Porque o 25 de Abril não é apenas memória, é presente e é, sobretudo, futuro.

É a coragem de um povo que se levantou contra a opressão. É a força de quem disse basta à censura, à miséria, à desigualdade.



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

É a vitória de uma ideia simples, mas poderosa: não há destino que justifique a ausência de liberdade.

Mas hoje sou obrigada a questionar: estaremos a honrar esse legado?

Porque vivemos tempos difíceis para a democracia. Não apenas em Portugal. Um pouco por todo o mundo, assistimos a uma inversão de valores.

Vemos regressar forças que julgávamos derrotadas com o fim da Segunda Guerra Mundial. Forças que normalizam autocracias. Que alimentam políticas de ódio.

Que procuram inimigos nos mais frágeis para esconder as suas próprias fragilidades.

E isso, minhas Senhoras e meus Senhores, não é inevitável. Mas também não é inofensivo.

É perigoso. E exige resposta!

Hoje, há quem tente transformar a imoralidade em liberdade de expressão.

Mas não nos enganemos: isso não é liberdade.

É a negação dos princípios humanistas. É um ataque direto aos valores que sustentam Abril. Aos direitos fundamentais consagrados na nossa Constituição, que celebrou este ano 50 anos!

À dignidade humana.

E perante isto, não podemos ser neutros. Não podemos hesitar. Não podemos ser indiferentes!

Enquanto sociedade, mas sobretudo, enquanto autarcas, enquanto agentes locais, pois temos uma responsabilidade acrescida. Uma responsabilidade que exige convicção. Que exige firmeza. Que exige coragem.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Onde está a luta contra as desigualdades?

Onde está o compromisso com a dignidade da vida humana?

Onde estão os valores de Abril?

Que futuro queremos deixar às próximas gerações? A política, a verdadeira política, nasce da recusa da injustiça. Nasce quando alguém se levanta e diz: “isto não está certo”.

Nasce quando uma comunidade se une para combater o que é injusto.

Nasce quando lembramos que o poder tem limites.

E essa exigência de justiça é o que mantém viva a democracia.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

O 25 de Abril foi feito por jovens.

Jovens militares.

Jovens cidadãos.

Jovens que recusaram aceitar o mundo tal como lhes era imposto.

E é para eles, para o futuro de cada jovem que temos de afirmar, sem ambiguidades: não há democracia sem participação jovem. Não há futuro sem o envolvimento ativo das novas gerações.

Caras e caros almadenses,

Aqui, em Almada, sabemos bem o que isso significa.

Almada é um município com voz.



MUNICÍPIO DE ALMADA Assembleia Municipal

Com História.

Com resistência.

Uma terra que luta.

Uma terra que não se cala.

É, por isso, caras e caros Deputados, que o poder local é tão importante.

Porque é aqui, perto das pessoas, que a democracia se concretiza.

Que se defende o serviço público.

Que se garante que o interesse coletivo está acima de qualquer interesse partidário ou económico.

A maior conquista que hoje celebramos é clara: não existem poderes absolutos.

Existe um poder democrático.

Existe uma liberdade viva.

E existe um povo que não abdica dos seus direitos.

Mas essa conquista não é definitiva.

Nunca Foi.

Nunca será.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

A história ensina-nos que a democracia não desaparece de um dia para o outro.

Ela fragiliza-se.

Ela desgasta-se.

Ela é corroída, muitas vezes por dentro.

E é por isso que temos de estar atentos.

Vigilantes.

Determinados.

Hoje enfrentamos novos desafios.

Ataques às instituições democráticas.

Ataques à comunicação social.

Ataques à justiça.

E uma tentativa crescente de impor hegemonias de pensamento, amplificadas pelas redes sociais, que confundem liberdade com irresponsabilidade, e opinião com desinformação.

Perante isto, a resposta não pode ser o medo.

Tem de ser a união.

Tem de ser a convicção.

Tem de ser a firmeza dos nossos valores.

Como nos lembra Albert Camus: os meios devem estar à altura dos fins.

Em política, não basta dizer que se luta pelo bem comum. É preciso demonstrá-lo: nas escolhas, nas atitudes, nas palavras.



MUNICÍPIO DE ALMADA
Assembleia Municipal

Porque a democracia não se defende apenas com discursos.

Defende-se com ação.

Com coerência.

Com Coragem.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Hoje, mais do que nunca, precisamos de reafirmar aquilo que Abril nos ensinou:

Que a liberdade não é um dado adquirido.

Que a igualdade não é garantida.

Que a justiça exige luta constante.

E que há linhas que não podemos, não devemos, nunca, ultrapassar!

Por isso, neste dia, não celebramos apenas o passado.

Reafirmamos um compromisso.

Um compromisso com a democracia.

Com a liberdade.

Com a dignidade humana.

Um compromisso com Abril.

Hoje. Amanhã. E sempre.

Viva o 25 de Abril!

Viva a Liberdade!

Viva Almada!

Viva Portugal!

Muito obrigada!"

6 – Pelas 10 horas e 15 minutos deu-se por concluída a Sessão Solene Comemorativa do 52.º Aniversário do 25 de abril de 1974.

7 – Participaram na Sessão a Senhora Presidente da Câmara Municipal Inês de Medeiros (PS), e os Senhores/as Vereadores/as Ivan da Costa Gonçalves (PS), Francisca Baptista Parreira (PS), Filipe Alexandre Pacheco (PS), António Sousa Matos (CDU), Helena Manuela Azinheira (CDU), Luís Filipe Palma (CDU), Nuno Alexandre Mendes (CHEGA), Carlos Magno (CHEGA), Paulo Alexandre Sabino (PSD), Beatriz Leal Ferreira (PSD) e o Bispo de Setúbal D. Américo Manuel Alves Aguiar.

8 – Foi verificada a presença na Reunião cerca de cento e vinte munícipes.

9 – Por ser verdade se elaborou a presente Ata que, depois de lida e aprovada vai ser assinada pela Mesa.

O PRESIDENTE _____

O 1.º SECRETÁRIO _____

A 2.ª SECRETÁRIA _____